
RELATOS DE EXPERIÊNCIA

**GRUPOS DE ADOLESCENTES NA PRÁTICA DE ENFERMAGEM:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA***Stefanie Griebeler Oliveira¹
Lúcia Beatriz Ressel²

RESUMO

Este artigo relata uma experiência com grupos de adolescentes em uma unidade básica de saúde durante o estágio supervisionado do oitavo semestre do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria, cidade do Sul do Brasil. Os dados deste artigo foram obtidos mediante a realização de dinâmicas lúdico-pedagógicas com os grupos de adolescentes, balizadas na metodologia participativa. Os temas discutidos foram de escolha prévia dos adolescentes. Trabalhou-se com grupos pequenos, de oito ou nove integrantes, participando assiduamente 38 adolescentes. Todos os participantes foram sensibilizados, para serem multiplicadores dos conhecimentos adquiridos nos encontros. Percebe-se nesta vivência a importância da educação em saúde como instrumento de troca de experiências e de empoderamento dos participantes, principalmente para esta população, que somente há pouco tempo vem recebendo atenção especial. Além disso, destaca-se a relevância da nova percepção desenvolvida do papel do enfermeiro na saúde dos adolescentes.

Palavras-chave: Adolescente. Enfermagem. Educação em Saúde.

INTRODUÇÃO

A adolescência é entendida como um período no qual o indivíduo passa por transformações biopsicossocioculturais e que constitui um processo fisiológico da maturação humana⁽¹⁻²⁾. Nessa fase emergem muitas questões inquietantes para o adolescente, que fica exposto a riscos de morbimortalidade. Nessa perspectiva, o adolescente pode necessitar de orientação, requerendo uma atenção especial em relação à sua saúde, cuja efetividade dependerá da interação estabelecida entre o profissional de saúde e o adolescente. Se este confiar no profissional verá o profissional como mentor⁽²⁻³⁾.

Nessa direção, a Associação Brasileira de Enfermagem e o Ministério da Saúde publicaram conjuntamente, em 2001, o manual do Projeto Acolher⁽⁴⁾, como forma de instrumentalizar o enfermeiro para um novo pensar e fazer em enfermagem com os adolescentes. Tal projeto balizou-se na metodologia participativa, que é uma forma de trabalho didática e pedagógica baseada na vivência e na participação em

situações reais e imaginárias, na qual as dinâmicas grupais permitem aos participantes a reflexão sobre situações concretas de suas vidas, valorizam seus conhecimentos e experiências e possibilitam a busca de soluções para seus problemas cotidianos, em um ambiente lúdico^(2,5). Assim, as dinâmicas grupais devem ser entendidas como técnicas motivadoras que contribuem para o desenvolvimento de atividades de educação em saúde⁽²⁾ por meio da criatividade e fixação dos conhecimentos adquiridos⁽⁶⁾, vindo ao encontro das expectativas dos participantes das ações.

Além disso, é relevante considerar a característica dos adolescentes de buscar em um grupo a sua identidade e as respostas para as suas inquietações, e desta forma o atendimento grupal em saúde, para eles, torna-se privilegiado, facilitando-lhes a expressão dos anseios e a troca de informações e experiências⁽⁷⁾.

Cumprido destacar que neste estudo adotou-se o conceito de educação em saúde com foco na cidadania, considerando a saúde não como uma necessidade, mas como um direito do cidadão⁽⁹⁾.

*Trabalho de Conclusão do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) em julho/2004.

¹Enfermeira. Especialista em Saúde Pública. Especialista em Acupuntura. Coordenadora do PSF1-Duque de Caxias. Professora de cursos técnicos do Sistema Educacional Galileu em São Luiz Gonzaga/RS. Membro do Grupo de Pesquisa "Cuidado, Saúde e Enfermagem"/UFSM. E-mail: stefaniegriebeler@yahoo.com.br

²Enfermeira. Doutora. Professora Adjunta da UFSM. Líder do Grupo de Pesquisa Cuidado, Saúde e Enfermagem da UFSM. Tutora do Grupo PET Enfermagem/UFSM. E-mail: lbressel208@yahoo.com.br

Neste sentido, para atender aos anseios de trabalhar com adolescentes numa perspectiva alinhada à orientação da metodologia participativa, foi desenvolvido, em uma unidade básica de saúde (UBS), um projeto de estágio supervisionado em Enfermagem II (ESE II) do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), intitulado “Ações de Enfermagem com Adolescentes”. A seguir relata-se essa experiência.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este artigo traz o relato de experiência acerca de uma vivência na disciplina de ESE II, no 8º semestre do curso de Enfermagem da UFSM, em uma UBS de um município do Sul do Brasil, no período de março a maio de 2004. Trabalhou-se com grupos de adolescentes, entendendo-se grupo como um conjunto de pessoas com necessidades similares que se reúnem em torno de uma atividade específica⁽¹⁰⁾.

Formaram-se cinco grupos com sete a oito participantes, em média. A divulgação foi realizada com distribuição de cartões-convite e cartazes⁽⁷⁾ sobre o projeto na UBS, na escola da comunidade e nas visitas domiciliares. As inscrições eram realizadas individualmente e os adolescentes escolhiam o horário do grupo que melhor se adaptasse à sua disponibilidade. A organização, o planejamento e a execução das atividades com os grupos eram de responsabilidade da acadêmica de enfermagem, no ESE II. A enfermeira da UBS participou em alguns momentos, e o médico propiciou uma assistência articulada quando algum dos adolescentes dos grupos apresentava necessidades de avaliação individual.

Utilizou-se a maior sala da UBS para a realização dos encontros. Organizou-se o local com um grande tapete e várias almofadas no chão, dando ao ambiente uma característica lúdica, informal e de conforto, o que atende aos pressupostos da metodologia participativa⁽⁵⁾. Esse preparo permitiu que todos os adolescentes e a facilitadora do grupo pudessem sentar em círculo, ficando no mesmo nível de visualização, o que facilita as trocas de conhecimentos⁽¹¹⁾. No impacto deles com o ambiente lúdico, expressavam surpresa e comentários aprovadores, uma vez que não estavam

acostumados a esse ambiente em uma UBS.

As atividades grupais foram desenvolvidas por meio de dinâmicas lúdico-pedagógicas, que proporcionaram ao grupo a possibilidade de autoanálise e autointerpretação, permitindo um processo contínuo de motivação ao indivíduo e ao grupo⁽⁶⁾. Além disso, a facilitadora dos grupos precisava estar atenta aos tempos de cada participante, de modo a potencializar o grupo para o seu melhor desempenho, respeitando o surgimento das diferenças⁽¹²⁾.

Os encontros eram realizados semanalmente, com duração de uma hora e meia. Constituíam-se de três momentos: integração, discussão e reflexão acerca do tema escolhido, e avaliação do encontro. Com cada grupo foram realizados cinco encontros. No presente artigo são relatados alguns momentos dos temas discutidos nos grupos e a efetividade da metodologia participativa na sua abordagem. Como essa vivência pertencia à prática de ESE II, e não a um estudo, o projeto não precisou ser submetido ao Comitê de Ética da UFSM; porém os pais foram informados sobre o projeto e permitiram a participação dos filhos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram formados cinco grupos de adolescentes. O **Grupo A** era misto, composto por cinco meninas e três meninos; o **Grupo B** era feminino e formado por 10 meninas; o **Grupo C** era masculino e composto de oito meninos; o **Grupo D** era misto, com sete meninas e um menino; e o **Grupo E**, também misto, era formado por dois meninos e cinco meninas. Na totalidade se inscreveram 58 adolescentes, dos quais 38 eram assíduos. Todos foram sensibilizados para serem multiplicadores dos saberes construídos nos grupos.

Inicialmente utilizou-se em todos os grupos a dinâmica “Brincadeira do Saco”⁽⁵⁾, para identificar os temas de interesse. Os temas mais requeridos foram: drogas, sexo seguro e gravidez na adolescência, e DST/AIDS. Destaca-se a relevância de verificar as necessidades dos adolescentes, uma vez que o interesse pelas ações de educação em saúde ocorre no momento em que essas ações possuem significados⁽¹²⁾.

Em sua maioria, os integrantes do Grupo A não se conheciam, o que foi importante para a

troca de experiência e conhecimento. O tema selecionado inicialmente por esse grupo foi “conflito com os pais”. A dinâmica realizada foi “Negociando, a gente se entende”⁽⁵⁾, que propiciou reflexão e discussão sobre os embates no relacionamento entre pais e filhos e sobre o diálogo como recurso para melhorar a relação⁽¹³⁾. Ressalta-se que, nos encontros seguintes, os membros desse grupo citaram que o diálogo passou a ser mais utilizado em suas casas, resultando em melhor relacionamento familiar.

No Grupo B destacavam-se duas meninas que possuíam características de personalidade forte, como determinação e espontaneidade. As outras integrantes pareciam mais tímidas e com mais tendência a ouvir. A troca de experiências adveio do fato de, nas discussões, as meninas mais comunicativas cederem espaço às mais retraídas. Decidiram iniciar com o tema das drogas, pois conheciam pessoas que as usavam.

Para trabalhar esse assunto foi utilizada a experiência do ovo representando uma célula humana e do álcool representando a bebida alcoólica⁽¹⁴⁾. O ovo foi quebrado, colocado em um recipiente transparente e imerso em álcool por uma hora. Ao término desse período notou-se que ficou com aspecto de cozido. Depreendeu-se disso uma similaridade com a ação do álcool em nosso organismo. A seguir, foram distribuídos textos de revistas sobre drogas e os participantes foram orientados para a leitura individual e posterior exposição das ideias. Com a discussão realizada, o conhecimento grupal foi sendo construído⁽⁵⁾. Pensa-se que uma ação de saúde de prevenção ao uso de substâncias psicoativas é parcialmente eficaz, sobretudo quando feita com rápidas orientações e entrega de panfletos. Um estudo⁽¹⁵⁾ sobre drogas realizado com adolescentes ratificou esse entendimento e sugeriu a necessidade de ações preventivas mais abrangentes.

Valida-se, neste sentido, a utilização da metodologia participativa⁽⁵⁾ nos grupos de adolescentes, por oportunizar a construção de conhecimento contextualizado com a realidade e as possibilidades deles e por permitir generalizar e aprofundar um tema singularizado às dúvidas pessoais. Constatou-se esse entendimento em atividade semelhante com adolescentes em um estudo de enfermagem⁽¹²⁾, no qual se destacou a

importância da educação em saúde na construção de habilidades para a vida dos jovens, por lhes possibilitar resistir às pressões para condutas de risco que possam agredir sua saúde e seu desenvolvimento⁽¹⁾.

O Grupo C era composto somente por meninos muito curiosos. O tema inicial escolhido por esse grupo tangenciou as questões relativas à sexualidade e à prevenção de DSTs/AIDS, desvelando a curiosidade de experimentar o corpo. No encontro, trabalhou-se com a dinâmica “Vestindo-se para a festa”⁽⁵⁾. Esse tema gera dúvidas e inquietações que fazem parte da adolescência, sendo comuns em outros estudos que abordam essa fase de vida⁽²⁻³⁾, pois abrangem o risco de gravidez e de contaminação e disseminação de DSTs/AIDS, daí o fato de os adolescentes ansiarem por esses assuntos.

A gravidez na adolescência tem sido apontada como um problema social⁽¹⁶⁾, por gerar nas jovens expectativas no tocante à escolarização e à profissionalização e pelo fato de depender de relação estável. Apesar, porém, das orientações sobre métodos contraceptivos, o que se observa é que a adesão a tais métodos é lenta e exige discussão entre os parceiros, autoconfiança e apoio social⁽¹⁷⁾. Outro estudo⁽¹⁸⁾ feito com adolescentes revelou que, após algumas ações de educação em saúde, 70% dos mesmos aderiram ao uso de preservativo e ressaltaram que o uso repetido do preservativo propicia adaptação.

Neste sentido, supõe-se que o acesso à informação, por si só, não transforme as práticas sexuais juvenis, com uma conduta de autoproteção e de eliminação de possíveis riscos de DSTs/AIDS e/ou gravidez, mas as ações educativas grupais, por meio da metodologia participativa, podem diminuir esses riscos, por serem espaços de autoconhecimento e de construção de valores, e não só de repasse de informações.

O Grupo D tinha uma composição especial, pois todos os participantes, com exceção de uma menina, eram primos ou irmãos e inclusive vizinhos. Em um dos encontros foram discutidas questões culturais do corpo humano, por meio da dinâmica “Jogo dos mitos e realidades”⁽⁵⁾. Muitas dúvidas foram esclarecidas nesse encontro, o que denota a relevância das ações realizadas, pois, apesar de haver grande

quantidade de informações científicas, muitas crenças e mitos relacionados ao corpo permeiam as mentes dos indivíduos⁽¹⁹⁾.

O Grupo E era o menor de todos. Os participantes apresentavam autoestima baixa e carências diversas, sobretudo de afeto; todavia, interessaram-se muito pelo trabalho e ampliaram gradativamente a criatividade e a comunicação nos encontros. A questão da autoestima permeou as ações realizadas com esse grupo, a fim de resgatar o amor próprio e os valores dos adolescentes. Ressalta-se que pessoas com baixa autoestima têm uma visão da vida menos satisfatória do que aqueles cuja autoestima é mais elevada⁽²⁰⁾. Os membros desse grupo sentiam-se valorizados e gratos pelo trabalho realizado e pela atenção especial prestada.

CONCLUSÃO

Entende-se que, diante das curiosidades e das

inquietações presentes, o adolescente pode ficar mais vulnerável a situações que favorecem processos de morbimortalidade. A atenção singular a cada grupo foi essencial à efetividade, nos grupos relatados nesta vivência.

A educação em saúde junto aos adolescentes foi um instrumento efetivo na assimilação das transformações vividas, porém sua efetivação só aconteceu por meio da metodologia participativa, que permitiu o diálogo, a reflexão, a conscientização do ser, e oportunizou trocas de ideias, conhecimentos, experiências e a expressão de sentimentos e inquietações. Ao mesmo tempo, fortaleceu o elo entre os adolescentes e a acadêmica de enfermagem, e suscitou a criatividade e a sensibilidade da facilitadora dos grupos. À medida que as ações se realizavam, os adolescentes percebiam a importância da transformação da sua realidade, bem como da mudança de conduta para hábitos saudáveis e atitudes positivas.

GROUPS OF ADOLESCENTS IN NURSING PRACTICE: AN EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT

This paper reports an experience with groups of adolescents in a Basic Health Care Unit, during Supervised Internship, throughout the eighth semester of Undergraduate Nursing Course at Universidade Federal de Santa Maria, located in a city in the South of Brazil. Data were collected through the accomplishment of ludic and pedagogical activities with groups of adolescents, based on participative methodology. Themes were previously chosen by the adolescents. The number of adolescents participating in such groups was small, totalizing eight or nine members in each group. Thirty-eight adolescents participated assiduously on the activities. All participants were motivated to multiply knowledge acquired during the meetings. This experience emphasizes the importance of health education as an instrument to exchange experiences and to empower the participants, mainly concerning this population, who have only recently have received special attention. Moreover, the relevance of the new perception of the role of the nurse regarding the health of adolescents is highlighted.

Key words: Adolescent. Nursing. Health Education.

GRUPOS DE ADOLESCENTES EN LA PRÁCTICA DE ENFERMERÍA: UN INFORME DE EXPERIENCIA

RESUMEN

Este artículo informa una experiencia con grupos de adolescentes en una Unidad Básica de Salud durante las prácticas supervisionadas del octavo semestre del Curso de Enfermería de la Universidad Federal de Santa María, en una ciudad en el sur de Brasil. Los datos de este artículo fueron obtenidos a través de la realización de las dinámicas lúdico pedagógicas en los grupos de adolescentes, apoyadas en la metodología participativa. Los temas tratados fueron de elección previa de los adolescentes. Se trabajó con pequeños grupos de ocho o nueve miembros, participando asiduamente 38 adolescentes. Todos los participantes fueron sensibilizados, para que fuesen multiplicadores de los conocimientos adquiridos en los encuentros. Se percibe en esta vivencia la importancia de la educación en salud como instrumento para cambio de experiencias y empoderamiento de los participantes, principalmente en esta población, que solamente hace poco tiempo ha recibido atención especial. Además de eso, se destaca la relevancia de la nueva percepción desarrollada del papel del enfermero en la salud de los adolescentes.

Palabras clave: Adolescentes. Enfermería. Educación en Salud.

REFERÊNCIAS

1. Ressel LB, Sehnem GD, Junges CF, Hoffmann IC, Landerdahl MC. Saúde, doença e vulnerabilidade para mulheres adolescentes. *Esc Anna Nery*. 2009 jul-set;13(3):552-7.
2. Ferreira MA. A educação em saúde na adolescência: grupos de discussão como estratégia de pesquisa e cuidado-educação. *Texto & contexto enferm*. 2006 abr-jun;15(2):205-11.
3. Ramos FRS, Pereira SM, Rocha CRM. Viver e adolescer com qualidade In: Ramos FRS. *Adolescer: compreender, atuar e acolher*. Brasília (DF): ABEn: MS; 2001. p. 12-31.
4. Vale EG. Apresentação in: *Adolescer compreender, atuar, acolher*. Brasília (DF): ABEn: MS; 2001.
5. Lopes EB, Luz AMH, Azevedo MPSMT, Moraes WT. Metodologias participativas in: Ramos FRS. *Adolescer: compreender, atuar e acolher*, Brasília (DF): ABEn; 2001. p.144-53.
6. Antunes C. Manual de técnicas de dinâmica de grupo, de sensibilização, de ludopedagogia. 10ª Ed. Petrópolis: Vozes; 1996.
7. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Saúde integral de adolescentes e jovens: orientações para a organização de serviços de saúde*. Brasília (DF): MS; 2005.
8. Soares LC, Santana MG, Thofehrn MB, Dias DG. Educação em saúde na modalidade grupal. *Cienc Cuid Saúde*. 2009 jan-mar;8(1):118-23.
9. Ferreira MA, Lisboa MTL, Almeida Filho AJ, Gomes MLB. Inserção da saúde do adolescente na formação do enfermeiro: uma questão de cidadania. In: Ramos FR, Monticelli M, Nitschke RG, editores. *Projeto Acolher: um encontro com o adolescente brasileiro*. Brasília, DF: ABEn; 2000. p. 68-72.
10. Pichon-Rivière E. *Processo grupal*. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2005.
11. Freire P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra; 2007.
12. Souza MM, Brunini S, Almeida NAM, Munari D. Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com grupo de adolescente. *Rev Bras Enferm*. 2007 jan-fev;60(16):102-5.
13. Wagner A, Falcke D, Silveira LMBO, Mosmann CP. A comunicação em família com filhos adolescentes. *Psicol Estud*. 2002 jan-jun;7(1):75-80.
14. Ponto ciência: várias experiências, um só lugar [Internet]. Belo Horizonte : UFMG; 2008 [citado 2009 maio 08]. Disponível em: <http://www.pontociencia.org.br/experimentos-interna.php?experimento=134>.
15. De Micheli D, Fisberg M, Formigoni MLOS. Estudo da efetividade da intervenção breve para o uso de álcool e outras drogas em adolescentes atendidos num serviço de assistência primária à saúde. *Rev Assoc Med Bras*. 2004;50(3):305-13.
16. Santos DR, Maraschin MS, Caldeira S. Percepção dos enfermeiros frente à gravidez na adolescência. *Cienc Cuid Saúde*. 2007 out-dez;6(4):479-85.
17. Brandão ER, Heilborn ML. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Pública*. 2006 jul;22(7):1421-30.
18. Moura ERF, Souza CBJ, Almeida PC. Adesão de adolescentes de um serviço de saúde de fortaleza ao uso de Condom e fatores associados. *Cienc Cuid Saúde*. 2009 jan-mar;8(1):11-8.
19. Camargo EAI, Ferrari RAP. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. *Cienc Saude Colet*. 2009;14(3):937-46.
20. Assis SG, Avanci JQ, Silva CMFP, Malaquias JV, Santos NC, Oliveira RVC. A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção da saúde. *Cienc Saude Colet*. 2003;8(3):669-80.

Endereço para correspondência: Stefanie Griebeler Oliveira. Rua Álvaro Batista, 1583. CEP: 97800-000, São Luiz Gonzaga - RS. e-mail: stefaniegriebeler@yahoo.com.br

Data de recebimento: 10/10/2008

Data da aprovação: 18/01/10